

Mário Faustino: inovação poética e sentimento agônico

Adilson Citelli*

Possui graduação em Letras (1973), mestrado em Literatura Brasileira (1982) e doutorado em Literatura Brasileira (1990), todos pela Universidade de São Paulo. É professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP e dos programas de graduação e pós-graduação, em que ministra cursos e orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas: Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação¹.

E-mail: citelli@uol.com.br

Talvez por sua breve vida e meteórica carreira, ou apenas por não integrar os currículos escolares, Mário Faustino seja pouco conhecido pelas novas gerações e mesmo pelas anteriores. Daí a iniciativa da revista *Comunicação & Educação* em publicar, neste número, alguns poemas dele. O nosso autor deixou apenas um livro, *O homem e sua hora*, no qual os temas “amor e morte, tempo e eternidade, sexo, carne e espírito, vida agônica, salvação e perdição, pureza e impureza, Deus e o homem, passam e repassam, sob diferentes nomes e em diferentes situações”². Postumamente, junto à sua única obra, foram incluídos versos apenas publicados em jornais.

Mário Faustino, mesmo não possuindo a notoriedade de outros poetas de sua geração, deixou uma obra marcada pela alta qualidade, tendo influenciado autores, contribuído para orientar os rumos da poesia brasileira e atuado fortemente para divulgar outros poetas, sobretudo os concretistas³, impulsionando a criação de uma poesia inovadora pós-geração modernista de 1945. Benedito Nunes, crítico e amigo de Mário Faustino, lembra que após a publicação de Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Cecília Meireles e João Cabral de Melo Neto, a poesia brasileira havia caído em marasmo⁴.

O papel de agitador cultural de Mário Faustino foi realizado, especialmente, em página que mantinha no Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*, intitulada Poesia-Experiência, na qual se publicavam poemas e críticas de literatura. O lema da página era “repetir para aprender, criar para renovar”. Seguindo o dístico, Mário Faustino dedicava espaço para a boa e alta poesia do passado, assim como para as melhores produções dos novos poetas. Desse mesmo enunciado advinha a sua poesia. Mário Faustino imprimiu técnica clássica ao utilizar o rigor formal através da métrica nos versos e da seleção vocabular rica

POESIA

* Com a colaboração de Cristine Vargas (revista *Comunicação & Educação* – ECA/USP e FFLCH/USP).

1. NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 5.

2. Na história da Literatura brasileira, a poesia concreta foi criada por autores como Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos com o objetivo de mudança, visando a um novo tipo de expressão, baseada em princípios experimentalistas.

3. NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 4.

4. Id. A poesia de meu amigo Mário. In: FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 52.

para constituir jogos imagéticos. Para Mário Faustino, a poesia não era apenas fruto de uma explosão criativa e aleatória, sendo necessário que a linguagem a estruturasse. Um dos seus pressupostos era que, quando “a linguagem se organifica, a vida se verbaliza”⁵.

Dos temas visitados e revisitados pelo autor, certamente o da morte ocupa destaque em sua poesia. A morte é o ponto de partida e o de chegada de sua angústia poética, e encontra-se entrelaçada ao amor, à vida, ao tempo e ao etéreo. Imagens diversas e assombrosamente belas são tecidas para descrever a morte. Em crítica recente, Reinaldo Azevedo ressalta que “[...] ninguém soube ser tão original na elaboração de figuras, na composição de metáforas de tal sorte únicas, que sua poesia corresponde mesmo a uma reeducação da percepção”⁶. Entretanto, mais assombrosa do que a riqueza da rede imagética tecida por Mário Faustino foi o fato de que a sua obra, de certa maneira, serviu como presságio de uma vida marcada por final rápido e trágico.

VIDA BREVE

Mário Faustino dos Santos e Silva nasceu no dia 22 de outubro de 1930, em Teresina, Piauí.

Realizou o Ensino Fundamental em sua cidade natal e o Ensino Médio, em Belém do Pará. Com apenas 16 anos debutou no jornalismo ao publicar crônicas e escrever seus primeiros versos. Ingressou na Faculdade de Direito do Pará, mas logo interrompeu o curso, pois havia obtido uma bolsa para estudar Língua e Literatura Inglesa no Pomona College, em Covina, no Estado da Califórnia (EUA), entre 1951 e 1952.

Em 1953, após percorrer a Europa, ocupou o cargo de Chefe da Seção de Divulgação na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, permanecendo nele até 1956, ano em que se mudou definitivamente para o Rio de Janeiro. Nessa época, o autor já havia publicado seu único livro de poesia, *O homem e sua hora* (1955).

De 1956 a 1958, Mário Faustino exerceu a função de professor da Escola de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas. Paralelamente à função, em uma época de intensa atividade literária, dirigiu a página Poesia-Experiência do Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*. Em 1959, como funcionário da ONU, mudou-se para Nova York, onde trabalhou até fins de 1960, quando retornou ao Brasil e retomou as atividades jornalísticas no Rio de Janeiro, no *Jornal do Brasil* e na *Tribuna da Imprensa*.

A morte precoce, tema tão invocado pelo poeta em sua obra, ocorreu na madrugada de 27 de novembro de 1962. O autor viajava para o exterior a fim de realizar reportagens para o *Jornal do Brasil* sobre Cuba, México e Estados Unidos, quando o avião em que estava caiu nos Andes (Peru), em Cerro de las Cruces. Mário Faustino faleceu aos 32 anos de idade.

5. AZEVEDO, Reinaldo. Mário Faustino: de volta ao eterno. In: *Contra o consenso: ensaios e resenhas*. São Paulo: Baracuda, 2005. p. 98.

6. Fonte: NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 1-2.

POESIAS

Romance

Para as Festas de Agonia
Vi-te chegar, como havia
Sonhado já que chegasses:
Vinha teu vulto tão belo
Em teu cavalo amarelo,
Anjo meu, que, se me amasses,
Em teu cavalo eu partira
Sem saudade, pena, ou ira;
Teu cavalo, que amarraras
Ao tronco de minha glória
E pastava-me a memória.
Feno de ouro, gramas raras.
Era tão cálido o peito
Angélico, onde meu leito
Me deixaste então fazer,
Que pude esquecer a cor
Dos olhos da Vida e a dor
Que o Sono vinha trazer.
Tão celeste foi a Festa,
Tão fino o Anjo, e a Besta
Onde montei tão serena,
Que posso, Damas, dizer-vos
E a vós, Senhores, tão servos
De outra Festa mais terrena –
Não morri de mala sorte,
Morri de amor pela Morte.

O som desta paixão me esgota a seiva

O som desta paixão me esgota a seiva
Que ferve ao pé do torso; abole o gesto
De amor que suscitava torre e gruta,
Espada e chaga à luz do olhar blasfemo;
O som desta paixão expulsa a cor
Dos lábios da alegria e corta o passo
Ao gamo da aventura, que fugia;

O som desta paixão desmente o verbo
Mais santo e mais preciso e enxuga a lágrima
Ao rosto suicida, anula o riso;
O som desta paixão detém o sol,
O som desta paixão apaga a lua.
O som desta paixão acende o fogo
Eterno que roubei, que te ilumina
A face zombeteira e me arruína.

Sinto que o mês presente me assassina

Sinto que o mês presente me assassina,
As aves atuais nasceram mudas
E o tempo na verdade tem domínio
Sobre homens nus ao sol de luas curvas.
Sinto que o mês presente me assassina,
Corro despido atrás de um cristo preso,
Cavalheiro gentil que me abomina
E atrai-me ao despudor da luz esquerda
Ao beco de agonia onde me espreita
A morte espacial que me ilumina.
Sinto que o mês presente me assassina
E o temporal ladrão rouba-me as fêmeas
De apóstolos marujos que me arrastam
Ao longo da corrente onde blasfemas
Gaivotas provam peixes de milagre.
Sinto que o mês presente me assassina,
Há luto nas rosáceas desta aurora,
Há sinos de ironia em cada hora
(Na libra escorpões pesam-me a sina)
Há panos de imprimir a dura face
À força de suor, de sangue e chaga.
Sinto que o mês presente me assassina,
Os derradeiros astros nascem tortos
E o tempo na verdade tem domínio
Sobre o morto que enterra os próprios mortos.
O tempo na verdade tem domínio,
Amém, amém vos digo, tem domínio

E ri do que desfere verbos, dardos
De falso eterno que retornam para
Assassinar-nos num mês assassino.

Soneto

Necessito de um ser, um ser humano
Que me envolva de ser
Contra o não ser universal, arcano
Impossível de ler
À luz da lua que ressarce o dano
Cruel de adormecer
A sós, à noite, ao pé do desumano
Desejo de morrer.
Necessito de um ser, de seu abraço
Escuro e palpitante
Necessito de um ser dormente e lasso
Contra meu ser arfante:
Necessito de um ser sendo ao meu lado
Um ser profundo e aberto, um ser amado.

O mundo que venci deu-me um amor

O mundo que venci deu-me um amor,
Um troféu perigoso, este cavalo
Carregado de infantes couraçados.
O mundo que venci deu-me um amor
Alado galopando em céus irados,
Por cima de qualquer muro de credo,
Por cima de qualquer fosso de sexo.
O mundo que venci deu-me um amor,
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.
Amor que dorme e treme. Que desperta
E torna contra mim, e me devora
E me ruma em cantos de vitória...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Reinaldo. Mário Faustino: de volta ao eterno. In: **Contra o consenso: ensaios e resenhas**. São Paulo: Barracuda, 2005.

FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NUNES, Benedito. Introdução. In: FAUSTINO, Mário. **Poesia de Mário Faustino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. A poesia de meu amigo Mário. In: FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.